

PARA UMA HISTÓRIA DA PONTUAÇÃO PORTUGUESA. DOS PONTOS AOS PUNCTEMAS

1. A pontuação é um aspecto da escrita que tem sido pouco estudado em Portugal, ao contrário do que vem sucedendo em outros países, nomeadamente em França, onde os linguistas têm dedicado, nas últimas décadas, uma atenção especial ao assunto. Se é certo que poucas obras se nos oferecem para o conhecimento da pontuação actual, do ponto de vista histórico, o terreno apresenta-se também bastante ermo(1).

Na base do desinteresse por esta matéria, e ultimamente só não tem sido assim com a ortografia, está o habitual estatuto do "escrito", isto é, da chamada "linguagem em conserva". O que encontramos sobre a pontuação portuguesa não ultrapassa o domínio da regra pontual e não chega a fornecer uma visão sistémica e sistemática do assunto, situação nada conforme com estado do estudo de outros aspectos da língua portuguesa.

Propomo-nos, por isso, avançar algumas reflexões sobre o tema, tomando como referência os trabalhos do grupo HESO, do Centre National de la Recherche Scientifique. Num segundo tempo, percorreremos alguns textos gramaticais do século XVI ao século XIX, numa tentativa de historiação da pontuação e seu conceito. Excluímos, pois, deliberadamente, a pontuação medieval, uma vez que os manuscritos daquela época colocam inúmeras questões que, só por si, caberiam num outro trabalho.

2. A definição do conceito de pontuação é, à partida, um problema de difícil formulação e outro tanto pode dizer-se do seu estatuto face à oralidade. Primeiramente deve assentar-se que a pontuação pertence ao domínio extra-alfabético, quer dizer, ideográfico, porque não inclui

unidades que explicitem uma relação semelhante à existente entre grafemas e fonemas. Cabendo ao campo alfabético o núcleo duro da escrita, na sua periferia gravita a pontuação, que funciona então como um sub-sistema complementar.

Tradicionalmente, é utilizada a relação entre a pontuação e a prosódia numa tentativa de definir a primeira (2). De acordo com isto, a pontuação marca as pausas, as inflexões da voz, o ritmo, a entoação, a melodia e constitui uma das poucas sobrevivências da terceira articulação da linguagem, no plano gráfico. A título de exemplo, leia-se o capítulo da Nova Gramática do Português Contemporâneo, onde os autores propõem uma distinção entre sinais pausais e sinais melódicos (3). Alguns autores, porém, sublinham sobretudo as relações da pontuação com a sintaxe, tendo aquela, neste caso, a função de demarcador dos membros da frase; outros, ainda, insistem na relação da pontuação com as ideias e o sentido.

Na verdade, a maioria das definições peca por ser incompleta e inscreve-se numa das três perspectivas acima enunciadas, acabando por dizer para o que serve, mas não o que é a pontuação (4).

3. Partindo do princípio de que é um conjunto de sinais gráficos que não têm correspondência fonémica, a pontuação é um facto da escrita e não da oralidade, embora estabeleça relações com esta última. Num sentido muito alargado, a pontuação pode, inclusivamente, ser definida como um conjunto de técnicas visuais de organização e apresentação do livro (5). Assim sendo, tudo o que contribui para a "lisibilidade", segundo a expressão de Richaudeau (os espaços em branco, a divisão da página, os sinais tipográficos, etc.) pode ser englobado na pontuação.

Por outro lado, é de salientar que os sinais de pontuação são complementos da informação alfabética que têm natureza discreta e formam um sistema (6). A pontuação situa-se, pois, num plano plerémico (segundo a designação de Hjelmslev) porque as suas unidades são dotadas de sentido. Todavia, estas não são combináveis em unidades de nível superior e possuem uma significação metalinguística, ao contrário dos grafemas que têm significação intra-linguística (7). Para além destas características, entre os traços definitórios conta-se

igualmente o carácter arbitrário dos sinais de pontuação ,ou seja, não existe uma relação natural entre a forma do sinal e o seu significado. A estas unidades de dupla face têm dado alguns linguistas a designação de punctema (do lat.PUNCTU-) ou pontema (8).Claude Tournier(9) chega mesmo a distinguir o *punctante* (significante) da *punctância* (significado) Num estudo linguístico da pontuação ,o termo punctema ou pontema poderá substituir , com vantagem, a tradicional designação de sinal , já que são verdadeiros signos.Como exemplo, veja-se o caso do ponto (punctema) cujo punctante é uma pequena marca redonda e a punctância é a marca do fim de frase (10).

Quanto às suas funções , os punctemas são agrupáveis de acordo com critérios diversificados , de que passamos a referir apenas alguns dos modelos.Assim , de acordo com uma primeira classificação, temos:1- punctemas que marcam os limites da frase gráfica (início e fim) ,como é o caso da maiúscula ao indicar o início ,e dos diversos pontos (final,de interrogação ,de exclamação e suspensivos) que assinalam o final ;2-os punctemas que separam as partes da frase ,ou seja ,os que podem figurar entre a maiúscula inicial e o ponto final .Neste caso temos os dois pontos ,a vírgula ,o ponto e vírgula ,os parênteses e as aspas (11).Este segundo grupo reúne punctemas dos seguintes tipos: por um lado,os sinais que separam os elementos da frase (o travessão, a vírgula e o ponto e vírgula) e ,por outro lado, os sinais que permitem a inclusão de outros elementos,a saber ,as aspas ,os parênteses ,os colchetes e o travessão duplo (12).

Os punctemas podem ainda ser subdivididos em punctemas simples (o ponto ,a vírgula, etc.) e duplos (os parênteses ,as aspas ,etc.) (13) ; segundo outro critério de classificação (14), identificam-se os sinais de marcação (o ponto final) ,os sinais de regulação (o travessão e os parênteses) e os sinais de qualificação (os pontos de interrogação e de exclamação ,que possuem valor modal).

Outras tentativas de classificação poderiam ser igualmente expostas, comprovando-se, assim como nas anteriores , que muitos punctemas são , de facto , plurivalentes ou "plurifónicos", pelo que nos parece acertado não dissociarmos a pontuação para os olhos de

uma pontuação para as orelhas (15), uma vez que ambas podem confluír numa pontuação intelectual. Se a antiga pontuação estava primordialmente ao serviço da entoação, pela passagem da leitura em voz alta à leitura silenciosa, ela foi-se tomando, cada vez mais, de natureza intelectual, sem que isso tenha implicado, contudo, a perda da relação original com o campo supra-segmental, havendo até um paralelismo funcional entre a pontuação e a entoação, não obstante as suas relações serem assimétricas (16).

4. Tecidas estas breves considerações de carácter teórico, tentaremos fazer um pouco de história. A pontuação tal qual a conhecemos hoje é fruto de diversos factores como o surgimento da imprensa, a sua difusão, o refinamento do livro e da sua apresentação, bem como o avanço dos técnicos e dos meios tipográficos. A história da pontuação nos textos impressos encontra-se por isso também implicada na "ortotipografia", isto é, no conjunto de meios tipográficos que permitem uma correcta apresentação do texto impresso.

Com a divulgação da imprensa, a pontuação adquire maior complexidade. Antes, nos textos manuscritos, já existia uma série de sinais -os pontos- que eram variáveis de copista para copista. Ponto é então qualquer marca que, num texto antigo, tem uma função semelhante à que hoje desempenham os sinais de pontuação, quer dizer, uma função de separação ou de distinção entre palavras ou frases (pontuação forte), de marcação do repouso da voz (pontuação média), correspondente ao *spiritum reficiendi*, de que falava Diomedes. Daqui se depreende facilmente que, no que respeita à pontuação, deve haver o maior cuidado na edição de textos medievais, trabalho que coloca inúmeros problemas que ultrapassam os objectivos desta comunicação e que não se contenta com a restituição pura e simples do texto manuscrito nem com a modernização da sua pontuação.

Vamos deter-nos, como anunciáramos no início, em antigos textos gramaticais portugueses que têm um especial interesse para a história da pontuação portuguesa pelas definições neles patentes.

Assim, começamos por salientar que Fernão de Oliveira (17) não se ocupa da pontuação em nenhum capítulo da sua *Grammatica* (1536). No entanto, pela leitura desta, constata-se a

existência de vários sinais de pontuação : o caldeirão para indicar a separação entre capítulos e os parágrafos; uma barra transversal com a função de ligar os membros da frase, de certo modo equivalente à actual vírgula , e que parece ser oriunda das escritas góticas; o ponto como marca plurifuncional , indicando quer o limite da frase quer a separação dos elementos de uma enumeração ; dois pontos sobrepostos com a função de identificar os membros da frase , na continuação de uma antiga tradição manuscrita , correspondendo à actual vírgula ou até ao ponto e vírgula . Destas observações, pode deprender-se a existência de uma hierarquia entre os sinais acima indicados e a distinção de três graus de pontuação : pontuação forte (ponto final) , pontuação média (dois pontos) e pontuação fraca (barra transversal e ponto interior) .

Contudo , para podermos apontar a existência de um sistema de pontuação tornar-se-ia necessário proceder a um levantamento exaustivo dos contextos de ocorrência e a um estudo de frequência , análises que vão além dos objectivos que por ora nos propomos.

João de Barros (18) oferece-nos a primeira definição de pontuação , assim como uma descrição dos punctantes e das respectivas punctâncias . No capítulo " Dos pontos e distinções da oraçãem" , a pontuação surge definida como *ua das cousas principaes da ortografia, servindo para apontár das partes e clausulas em que os Latinos mostráram muita diligencia e tendo por função evitar a ambiguidade* (19). Os sinais referidos por João de Barros são sobretudo emprestados à tradição latina . Disso são exemplo as designações de *coma* , *cólo* e *verga* . Para além destes, o gramático refere ainda os parênteses e a interrogação . A *coma ou cortadura* é descrita como dois pontos sobrepostos cuja função consiste na separação dos membros da oração ; o *cólo* corresponde , por sua vez , ao ponto final . A respeito de um e de outro diz o gramático que na *coma parece que descansa a vóz mas nam fica o intendimento satisfeito porque deseja a outra pártecom que a oraçãem fica perfeita e remata* - com este ponto, *cólo* (20) . Segundo este autor, as " partes das cláusulas" são separadas pelas *zeburas ou verga*, quer dizer, pelas vírgulas . A respeito dos parênteses , que são apresentados pela sua função de intercalação , Barros refere que são *os dous árcos*

que fazem estas palavras(como já disse) usam os Latinos quando cométem uma figura a que chamam entreposiçam e os Gregos parêntesis (...) e a propósito do ponto de interrogação diz ser o sinal de que *interrogamos e perguntamos alguma coisa* (21) Finalmente, Barros sublinha também que a pontuação tem a função de evitar a ambiguidade.

Ainda no século XVI, Pêro de Magalhães de Gândavo, nas suas *Regras que ensinam a maneira deescrever e orthographia da lingua portugueza*, consagra um capítulo à pontuação- *Dos lugares onde se hade usar destas letras maiusculas, & das pausas& distinções que requerem no discurso das escripturas* (22). O ortógrafo identifica três sinais de pontuação relacionados hierarquicamente de menos até mais forte, ou seja, da vírgula aos dois pontos e destes ao ponto (23). Gândavo vincula a pontuação quer à entoação e às pausas quer à sintaxe. Curiosamente, no que concerne aos parênteses, o autor ressalta a natureza não grafemática do punctante, descrevendo -o e apontando o seu emprego (24).

O primeiro tratado da pontuação portuguesa encontramos-lo na *Orthographia* (1576), de Duarte Nunes de Leão (25), que retém sobretudo a relação entre a pontuação e a terceira articulação como princípio determinante. Os punctemas do seu inventário de base são a vírgula (,) a coma (,) e o colón (:). Para além do critério prosódico, Nunes de Leão invoca igualmente o critério sintáctico e, a propósito dos dois pontos, reconhece mesmo a função enunciativa da pontuação, por exemplo no caso das citações (26). Aos sinais acima mencionados, acrescenta ainda o interrogativo, o sinal de parágrafo, os parênteses, o meio círculo, os ápices ou cimalthas, o hífen, o asterisco, o obelisco, a bráquia, a divisão e o ângulo.

Contudo, é no século XVII que encontramos a primeira definição alargada de pontuação- o capítulo 54 da *Ortografia da Lingua Portugueza* (1675), de João Franco Barreto. Al pode ler-se o seguinte: *Necessario he para a boa pronunciaçã, & darmos a entender o que dizemos como tambe para tomar folego, espirito& vigor, fazer e o processo da oraçã, ou pratica, assi falando, como escrevendo, algumas pausas, as quaes e a escriptura assinalamos*

cõ diferentes figuras, porque cada uma dellas te tambem diferente officio: & he tão importante, que por falta dellas, se ignora muitas vezes o verdadeyro sentido (...)

(27). Este ortografista recorre a três designações (vírgula, cólon e período) provenientes de uma tradição antiga que remonta, no mínimo, a Santo Isidoro de Sevilha (570-636), nas *Etymologiae*, onde já refere *colo* (membro da frase), *commate* (uma pequena parte de frase) e *periodus* (uma conclusão) (28). Franco Barreto descreve tanto os *punctantes* como as *punctâncias* (29) dos sinais acima referidos e destaca, do mesmo modo, o *colon imperfecto*, isto é, o ponto e vírgula, que constitui uma pontuação média cujo emprego se reveste de alguma dificuldade (30). Quanto ao ponto final, o autor apresenta-o com base num princípio intelectual, que é o da perfeição da frase: *Ponto final se poem na conclusão da alguma sentença, ou oraçã quando o que dizemos, & a razão que damos, está de todo concluida & acabada* (31). Por outro lado, o ortógrafo fornece-nos uma descrição à qual se encontra subjacente uma visão da pontuação como sistema organizado internamente e a cujo inventário, atrás mencionado, junta também um sub-inventário, composto pelos sinais de interrogação e de admiração, os parênteses e o sinal de parágrafo, e um grupo de outros sinais: a divisão, o ângulo, o antígrafo, o asterisco, os ápices, o hífen, o anti-hífen, o obelisco e a bráquia (32). No tocante aos parênteses, é de notar que o autor assinala as funções de inclusão e de enunciação.

Na *Orthographia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Lingua Portugueza*, de 1734, Madureira Feijó dedica alguns parágrafos aos sinais de pontuação, designação que surge pela primeira vez, em relação aos textos anteriores, e, apesar de não formular uma definição daquele conceito, refere a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos, o ponto final, o ponto interrogativo e o admirativo e, complementarmente, o parágrafo, artigo ou aforismo, o ângulo, os ápices, diérese ou cimalha, o asterisco, a bráquia, o semicírculo, a conjunção e a desunião. As regras de emprego dos sinais do primeiro inventário apresentado por Feijó não divergem das de autores anteriores. É relevante, no entanto, a atenção prestada ao uso do ponto e vírgula, que entende ser de regulamentação difícil, problema apenas

contornável pelo recurso à estratégia seguinte : *Todas as vezes que algum dicto ou sentença não fechar o sentido,mas continuar por diante com estas particulas Mas ,Porem ,Porque Ainda que ,Posto que ,e outras semelhantes,poremos sempre ponto e virgula no fim da oraçãõ , depois da qual se seguir algumas das dictasas particulas Portuguezas* (33) E acrescenta : *Tambem se usa do ponto e virgula entre verbos da significação contraria quando se ajuntaõ* (34).Para distinguir os dois pontos do ponto e virgula , o ortografista socorre-se dos critérios de posição no enunciado gráfico e de completude de sentido . Ainda no século XVIII , na Carta I do *Verdadeiro Método de Estudar* , Luis António Verney tece algumas considerações acerca da pontuação ,focando particularmente o caso da vírgula , dos dois pontos , do ponto final e do ponto e vírgula . É bem curiosa a regra respeitante aos dois pontos,que a seguir transcrevemos .*Estes se põem quando o sentido da oraçãõ é completo quanto à substância ,mas não enquanto ao facto ,quero dizer:quando o que escreveu fazsentido perfeito ,de sorte que podia-se terminar com um só ponto,mas quem escreve ainda tem alguma coisa que acrescentar,para melhor declarar a coisa,ou exprimir alguma circunstância,com a qual se acaba todo o periodo* (35). Para Verney, a principal regra em matéria de pontuação é a inteligibilidade , *pois depende muito da vontade de quem escreve* .

Para encerrar esta breve excursão por alguns antigos textos gramaticais portugueses, do século XVI aos inícios do séculoXIX ,faremos ainda uma rápida alusão à *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (2ª ed. -1830) ,de Jerónimo Soares Barbosa ,que ,no cap.IV(Da Pontuação) , expõe uma moderna definição de pontuação , onde já não figuram as tradicionais designações de colón e coma , que também não apareciam em Feijó e em Verney.Por outro lado,dada a natureza da obra de Soares Barbosa ,não nos surpreende a divisão das regras em regras gerais e regras particulares da pontuação. Nas palavras deste gramático, a *Pontuação he a Arte da na escriptura distinguir com certas notas as diferentes partes,e membros da oraçãõ,e a subordinação da hians aos outros a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores,que deve fazer,e o tom e inflexão da*

voz, com que as deve pronunciar. Daqui se vê que ninguém poderá perceber bem, e executar as regras da pontuação sem ter algumas noções ao menos superficiais das partes da oração e da sua syntaxe e contrucção (36). O autor da *Grammatica Philosophica*, numa concepção lata de pontuação, nela inclui os espaços em branco entre palavras, o ponto simples, o de interrogação e o de exclamação, a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos, os parênteses, o traço de união, o viracento, isto é, o apóstrofo, o trema, os acentos agudo, grave e o circunflexo. De acordo com isto, a acentuação gráfica é, portanto, incluída na pontuação e concebida como sistema de sinais gráficos auxiliares da cadeia de sinais grafemáticos, sendo de frisar igualmente a inclusão do espaço em branco ou intervalo separador, que surge pela primeira vez entre os textos em apreço. Na obra de Soares Barbosa deparamos com uma descrição mais exaustiva quer das funções dos sinais quer das regras do seu emprego. A estas últimas, preside sobretudo o critério sintáctico-semântico e, só secundariamente, é considerado o critério supra-segmental. É assim que, por exemplo em algumas regras (37), o gramático invoca a extensão da frase, sendo esta determinante para o tipo de pontuação. Do capítulo IV da *Grammatica Philosophica*, depreende-se que Soares Barbosa tem uma visão sistémica e estruturada da pontuação que assenta fundamentalmente na sintaxe e na semântica, como se infere das constantes alusões a membros da frase, subdivisões parciais das orações, divisões subalternas, sentido total, antecedentes e consequentes, proposições totais, orações parciais, ordem das palavras, orações incidentes, conjunções, oração encravada e noção de regência. Finalmente, saliente-se que o autor recomenda o uso de sinais duplos, em início e em final de frase, para assinalar as interrogações e as exclamações, fazendo referência neste caso à entoação, isto é, ao plano da terceira articulação; porém, tal opção fica justificada mais uma vez pela extensão da frase.

Conclusão-Das reflexões teóricas inicialmente aduzidas e dos dados colhidos numa sumária passagem pelos textos de antigos gramaticógrafos portugueses do século XVI ao século XIX, facilmente se deduz que, tanto de uma perspectiva teórica como de uma

perspectiva histórica , a pontuação presta-se a múltiplas abordagens ,devido ao facto de implicar , entre outros , diversos tipos de processos psico-cognitivos, atraindo, por isso, à semelhança de muitos mais aspectos da escrita , as atenções dos mais diversos especialistas- linguistas , psicolinguistas , filólogos e pedagogos .

Dado o seu carácter plurifuncional , que se manifesta essencialmente em três planos - entonacional , comunicativo e enunciativo -, a pontuação parece escapar-se à regulamentação pelo que constitui , sem qualquer dúvida , o domínio da escrita em que a marca do homem e a sua personalidade ficam mais evidentes , ao mesmo tempo que demonstra uma certa forma de competência gráfica que não se reduz ao mero jogo de correspondências, bi- ou pluri-univocas , entre os planos fónico e grafemático .Por tudo isto ,o estudo da pontuação pode e deve ser integrado, com vantagem , num projecto de estudos mais vasto que tenha como objectivo a apreensão global do fenómeno da escrita e as áreas envolventes.É nesse sentido que alguns linguistas têm vindo a alicerçar a chamada teoria da língua escrita (38) que inclui, obviamente , a pontuação . Com esta comunicação, pretendeu-se traçar um primeiro esboço para uma reflexão sobre a teoria e a história da pontuação portuguesas.

NOTAS

- (1) Apesar da escassez de estudos sobre o assunto , são de assinalar os seguintes trabalhos :
Ana Maria Martins, **Aspectos da Pontuação Medieval num Manuscrito Português**,in XVII CILFR ,vol.9 ,1986 ,pp.255-266 e José de Azevedo Ferreira ,**La Ponctuation dans la Version Portugaise du Fuero Real d' Alphonse X** ,in XVII CILFR vol.9,1986,pp.235-253.
- (2) Cf. Claude Tournier , **Pour une Approche Linguistique de la Ponctuation**,inLa Ponctuation.Recherches historiques et actuelles ,fascicule 2 ,Actes de la Table Ronde International ,Paris-Besançon ,1979 ,p. 252.
- (3) Cf. Celso Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra ,**Nova Gramática do Português Contem-**

porâneo , 3ª ed., Edições Sá da Costa, Lisboa ,pp.639-664.

(4) Cf. Cl.Tournier,obra citada ,p.253.

(5) Cf. Jean- Pierre Jaffré ,**La Ponctuation du Français : Études Linguistiques Contemporaines** ,in Pratiques nº 70 juin 1991,p.66.

(6) Ibidem.

(7) Do autor ,Cf.obra citada ,p.225.

(8) Entre outros ,utilizam esta designação Claude Tournier, Bernard Pottier e Nina Catach.

(9) Cf Cl. Tournier ,obra cit. ,p.257.

(10) Ibidem.

(11) Idem ,pp 262-263.

(12) Ibidem.

(13) Ibid.

(14) Este critério é proposto por Ludmilla G. Védénina na obra :**Pertinence Linguistique de la Présentation Typographique** , Selaf nº 309,Peeters-Selaf ,Paris ,1989.

(15) Cf. J -P. Jaffré ,obra cit. ,p.81.

(16) Idem ,p. 82.

(17) Vide,Fernão de Oliveira , **Grammatica da Lingoaem Portuguesa** , Germão de Galharde ,Lisboa ,1536.

(18) Vide ,João de Barros ,**Grammatica da Lingua Portuguesa** ,Luís Rodrigues ,Lisboa, 1540.

(19) Idem ,p.387.

(20) Id. ,p. 388.

(21) Ibidem.

(22) A esta obra segue-se um **Diálogo em Defesa da Língua Portuguesa** ,ambos publicados em Lisboa ,na oficina de António Gonçalves, no ano de 1574. Aqui seguimos a edição fac-similada das Regras ,publicada em 1981 pela Biblioteca Nacional de Lisboa.

(23) Cf. Obra citada na nota anterior ,pp.17-18 onde Megalhães de Gândavo diz o seguinte :

Da vírgula se usará quando quiserem distinguir hua parte de outra indo prosseguir pela sentença adiante todas as vezes que for necessario. Dos dous pontos em alguns lugares, onde se fazer mais pausa. De hum ponto no da clausula, onde se acaba de concluir alguma cousa. E logo adiante do mesmo ponto a primeira letra que se seguir sera maiuscula: por que hum ponto só tem mais força que dous, & dous mais que a virgula.

(24) A propósito desse sinal esclarece na página 19 : *Quando for se offerecer em alguma parte da escriptura dizer alguma cousa fóra da sentença, que muitas vezes se não escusa pera ornamento, & declaração do que se escreve, pôr seha entre dous meyos circulos (desta maneira). Todavia não sera muita lectura, porque se não embarace o lector, nem perca o tino da sentença ou pratica que leua enfiada. A isto chamão os Latinos Paretetes, o qual ainda se não lea, nem por isso fica o propósito, & sentido da pratica desatado.*

(25) A primeira edição é publicada em Lisboa, na oficina de João da Barreira. A paginação aqui referida corresponde à edição realizada por Maria Leonor Buescu (IN/CM, 1983).

(26) Cf. obra citada na nota anterior p. 179.

(27) J.F. Barreto, **Ortografia da Língua Portuguesa**, João da Costa, Lisboa, 1675, p. 215.

(28) Vide, Jacques Drillon, **Traité de la Ponctuation Française**, Gallimard /Inédit, 1991, p. 22.

(29) Cf. J.F. Barreto, obra cit. p. 216: (...) *a coma, inciso, & meyo ponto, he uma varinha, ou risquinha torta nesta forma, colon he de dous modos, imperfeito e perfeito; o imperfeito he u ponto, redondo, encima de ua virgula, assi; colon perfeito são dous pontos, u encima de outro como : Período he u ponto redondo.*

(30) Idem, p. 217, onde o ortógrafo indica que ele se deve usar *virgula nõ basta & os dous pontos sobejam.*

(31) Ibidem.

(32) Idem, p. 222.

(33) Vide, João de Moraes Madureira Feijó, **Orthographia ou Arte de Escrever e Pro-**

- nunciar com acerto a Lingua Portugueza** , 2ª ed. Luís Seco Ferreira , Coimbra, 1739, p 114 ,parágrafo 278.
- (34) Idem ,p 114 ,parágrafo 279.
- (35) Vide ,Luis António Verney,**Verdadeiro Método de Estudar ,Carta I**, edição organizada pelo Prof. Salgado Júnior ,Clássicos Sá da Costa ,Lisboa ,1947, p.116.
- (36) J.Soures Barbosa, **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza** , 2ª ed. , Tipografia da Academia Real das Ciências ,Lisboa , 1830 , p.85.
- (37) Idem ,p. 88 ,Regras II e III .
- (38) Como exemplo , veja-se o caso de : **New Trends in Graphemics and Orthography** (edited by Gerhard Augst) Walter de Gruyter ,Berlin-New York,1986. **Pour une Théorie de la Langue Écrite** , Actes de la Table Ronde Internationale CNRS-HESO (Paris 23-24 octobre 1986) éd. par Nina Catach Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique ,1988 ;Jacques Anis , **L'Écriture.Théories et description** , De Boeck ,Bruxelles ,1988.